

os Últimos Dias de Elias Ghandour

AMOS

Marcelo Maluf

Do mesmo autor de *A imensidão íntima dos carneiros*

os Últimos Dias de Elias Ghandour



ALTA BOOKS

GRUPO EDITORIAL

Rio de Janeiro, 2023

AMOSTRA

Para Dioniso.

Para Elias.

Para Daniela, sempre.

“Uma voz dentro de mim ordena:

— Escave! O que vê?

— Homens e aves, águas e pedras!

— Escave mais! O que vê?

— Ideias e sonhos, lampejos e aparições!

— Escave mais! O que vê?

— Não vejo nada! É noite silenciosa,
densa como a morte. Deve ser a morte.”

NIKOS KAZANTZÁKIS, *ASCESE: SALVATORES DEI*

“A natureza parece morta e sonhos tenebrosos
Invadem o sono fechado.”

WILLIAM SHAKESPEARE, *MACBETH*.

PRIMEIRO ATO

Ao toque do terceiro sinal, luzes se apagam.

Elias Ghandour caminha lentamente até a boca de cena. Um foco de luz o atinge no rosto. Ele olha para a plateia, incomodado com a luz, vira-se para o centro do palco e respira fundo.



AMOSTRA

1.

Som de fogueira crepitando

ESTOU EM PÉ diante da casa e a contemplo como se olhasse para algo tão belo, misterioso e fúnebre quanto o Taj Mahal. Seguro uma caixa de fósforos na mão direita e sinto, com algum prazer, a superfície áspera em que se risca o palito. As minhas unhas estão sujas de terra. Há uns trinta minutos estou parado nessa mesma posição. Minha barba está mal feita e os pontinhos brancos e esparsos de pelos se distribuem de maneira desorganizada em meu rosto suado.

Há um enorme ipê-roxo na entrada do sítio.

Há também um jardim onde antes ficava uma piscina.

Ao meu lado há uma fogueira em brasa crepitando. Vocês devem ter ouvido o som. Faíscas luminosas explodem e desaparecem. Começa a choviscar, mas eu não me importo, apenas garanto que a caixa de fósforos não se molhe; coloco-a dentro do bolso e sigo em contemplação.

Desvio o olhar. Primeiro me detenho no jardim, depois na cadeira de balanço na varanda. Ergo a cabeça em busca de ar. Minha mão esquerda treme. Com força, contraio os dedos para o centro da mão. Comprimo os olhos. O cachorro respira ofegante ao meu lado. Tornou-se um companheiro inseparável.

Caminho em direção à casa, não tenho pressa, não há motivo para ter pressa. Sei que preciso me concentrar. Abro a porta de entrada e tiro os sapatos. Sinto o cheiro forte de querosene. Alguns móveis e cadeiras estão empilhados na sala junto à lenha seca. Vejo na parede uma das únicas fotografias em que estamos juntos, eu, minha mãe, minha irmã e meu pai. Ao lado, há desde sempre uma reprodução de *A Ilha dos Mortos*, do Böcklin.

No vão da casa, entre o forro e o telhado, as andorinhas se movimentam agitadas como se soubessem o que está por vir. À minha frente, estirado em cima do tapete no chão da sala, está o corpo nu de um homem. Há uma cicatriz um pouco abaixo do limiar entre a testa e o couro cabeludo do cadáver. Seu abdômen está inchado, as veias dos braços, descoloridas. O cheiro doce que exala do seu corpo se mistura ao querosene, uma atmosfera nauseante preenche os espaços vazios da casa. Um dia talvez eu compreenda o que significa tudo isso, mas agora não tenho a intenção. Prefiro me esforçar para sentir alguma compaixão pelo morto.

Pela janela, vejo a montanha coberta por uma névoa. Às vezes as nuvens baixas encobrem as montanhas a ponto de deixá-las invisíveis. Meus olhos se enchem de lágrimas. A beleza dessa paisagem sempre me comoveu. Minha mão esquerda treme com mais intensidade. O sítio fica na zona rural da pequena cidade de Joanópolis, a 130km de São Paulo.

O vinil da Nina Simone ainda está na vitrola. Mas não é a trilha ideal para o momento. Vasculho com os dedos os discos na estante e ponho para tocar *Moonlight Serenade*, do Glenn Miller. Sim, essa é a música ideal. Aumento o volume e deixo que o som dos trompetes emudeçam o medo do silêncio dentro de mim. Arrisco alguns passos de dança, mas desisto. Não sei se é certo dançar diante de um cadáver.

Pego a caixa de fósforos dentro do bolso da calça. Abro e fecho a caixinha num movimento consecutivo e angustiado. A chama de um palito de fósforo dura, em média, dez segundos. Li isso em algum lugar. Mas eu pergunto a vocês, o que é possível fazer em dez segundos? Beber um copo de água? Ler três linhas da página de um livro? Em dez segundos alguém pode sofrer um ataque cardíaco e morrer? Talvez. Não tenho como afirmar com precisão. Nem acho que seja importante saber dessas curiosidades. Sento-me no sofá e espero pela chegada da noite.



2.

Som de trovões

ESTOU NA ANTESSALA da morte. É bonito isso, não acham? “Antessala da morte.” Mas pode ser algo estúpido também.

Vejo uma luz branca. Fecho os olhos e sonho.

Estou no centro de um palco. Estou aqui. Vocês são capazes de me confirmar se aqui é o centro do palco? Caminho. Há apenas uma luz acesa. O resto é escuridão. Olho para o fundo da sala e começo a rir, a rir muito, a gargalhar, a quase explodir de tanto rir, até me sentir constrangido, humilhado, desnorteado. Rir, todos nós sabemos, sempre foi o melhor remédio.

Agora é o momento em que alguns de vocês deixam escapar risinhos sem graça.

Como foi que eu cheguei até aqui? Vocês querem saber? Não tenham pressa, eu vou contar.

Estou num lugar deserto com relâmpagos e trovões como em *Macbeth*, mas sem as três bruxas. Seguro na mão esquerda um martelo. Este martelo. Olhem bem para ele. Sem dúvida ele é um protagonista ou antagonista desta história.

Eu já contei que matei um desconhecido com uma martelada na cabeça?

(Risos). Vocês riem. Não era uma piada. Não é.

Luzes estroboscópicas são apontadas para o auditório. Alguns espectadores fecham os olhos.

Eu peço apenas que me ouçam, não há nenhuma necessidade de olharem para mim.

Não sei dizer como consegui, com as luzes apagadas, atingi-lo com tamanha precisão. Naquele momento, eu não tinha consciência — e como poderia ter? — do que se seguiria a partir daquele ato. Um único gesto pode trazer sentido ao não sentido da nossa existência. Dizendo assim parece bonito, sábio e filosófico, mas quem foi que disse que só aprendemos com as coisas que nos enlevam? É fato que a grande maioria não aprende com nada, mas não sou a pessoa certa para dar qualquer tipo de ensinamento. O que eu sei é que, apesar do profundo desprezo que sinto em relação ao mundo, ainda não estou pronto para abandoná-lo.

AINDA NÃO!

Minhas memórias estão ruindo e muitas vezes não sei se o que lembro é fruto de uma experiência vivida pelo meu corpo ou se é apenas minha mente em estado de alucinação. Mas é certo que não serei um espectador passivo das minhas lembranças. E me pergunto se realmente temos como separar a memória em estado de desmoronamento daquilo que é delírio e sonho. Quando vivo o meu presente ou recordo o meu passado, penetro o desconhecido. O desconhecido sou eu. No entanto, por mais clichê que possa ser a frase seguinte, e vocês irão concordar comigo, ainda é necessário dizê-la: “O inferno são os outros.”

AMOSTRA

3.

Som de pratos quebrando e panelas caindo. Luzes azuis

EU SEMPRE SOUBE que as coisas mofam, enferrujam e se desgastam com o tempo, mas pensava nas coisas fora de mim. Mas e quando enferrujam e mofam as coisas de dentro? E com isso não estou me referindo ao baço, aos rins ou ao fígado. Penso na ferrugem a corroer as veias, artérias, ao sangue contaminado e, acima de tudo, na ferrugem corroendo a minha vontade de viver.

Em minha adolescência e juventude, eu acreditava que os meus músculos, ossos e pele durariam para sempre, com aquele mesmo vigor que nos torna invencíveis quando jovens.

Pausa. Silêncio. Um rato atravessa o palco. Um rato branco.

O mundo nessa época, para mim, e estou falando da segunda metade da década de 1950, abria-se, revelava-se, convidava-me a participar da sua dança. O teatro e o cinema eram minhas duas grandes paixões. Ocupava os meus dias, como vocês, na plateia de algum espetáculo teatral ou diante de uma grande tela numa sala de cinema. Aos 18 anos de idade, eu passava noites e madrugadas com Ítalo e Alberto, meus melhores amigos naquela época, discutindo sobre cinema, teatro e música. Eles compartilhavam comigo das mesmas paixões. Lembro-me até hoje do impacto que foi ter assistido *Eles não usam black-tie*, do Guarnieri, no Teatro de Arena, e tantas outras montagens no Teatro Brasileiro de Comédia. Certa vez, depois de termos assistido *Um corpo que cai*, do Hitchcock, no Cine Marabá, fomos para um bar e ficamos por quase três horas discutindo a película. Ítalo e Alberto diziam que Hitchcock era bom, mas um pouco comercial demais, e que o mestre do suspense não era tão grande quanto Orson Wells, Kurosawa e Bergman. Eu não concordava. Achava Hitchcock tão bom quanto os outros. Aquilo era só o preconceito deles com o gênero suspense. O fato é que naquela noite nós três decidimos juntos que iríamos ser atores. Transformaríamos nossa paixão em comum pelo teatro e pelo cinema em profissão.

A contragosto dos meus pais, naquele ano, me matriculei na Escola de Arte Dramática, com Alberto e Ítalo.

Durante dois anos, vivi os melhores dias da minha vida. Estava certo de que eu seria ator e que o teatro era o meu caminho. Meu mundo só existia com Brecht, Shakespeare, Pirandello, Molière, Beckett, Sófocles, Eurípedes, enfim. Era assim que eu queria existir. No abrir e fechar das cortinas, sob a luz ou a sombra, experimentando vestir a pele de seres imortais, viver para sempre na duração sem fim de cada personagem, voltar a ser finito, compreender que a sede de imortalidade fez nascer a arte e que o destino de quem empresta voz, olhos, braços, pernas, nariz, ouvido, boca, gestos, alma, sexo e morte é o de ludibriar o tempo, enganar Chronos. Todo ator morre um pouco no palco ao fazer de si mesmo tão pleno e tão vazio quanto uma ânfora grega.

Era tudo isso que eu pensava e queria. Eu estava pronto para me oferecer em sacrifício a Dioniso. Mas o tempo foi perverso e, antes mesmo que eu pudesse dar o próximo passo, lançou no abismo a minha ânfora de alças duplas. Em pedaços no chão, ela não era nem vazia, nem plena. Recolhi os cacos e os guardei em uma caixa de sapatos.

Quando começamos a montagem de *Macbeth*, o velho Jamil Ghandour, meu pai, nem tão velho assim, tinha 62 anos e, por alguma estratégia maldita do destino, sofreu um infarto e caiu morto entre as estantes de tecidos da sua loja. Eu me vi tombando ao seu lado. Minha mãe dizia: “Você é nosso único filho vivo, Elias. Seu pai

queria tanto que você cuidasse da loja, imagina ter que vendê-la, meu filho? Seria como matar a memória dele. Você entende? A loja era tudo para seu pai, ela é o nosso mundo, Elias.”

Como se mata uma memória?, pergunto a vocês. Alguém, por favor, tem a resposta? Como se faz para reorganizar uma lembrança de modo que ela não seja sempre como um punhal atravessando o peito? Eu disse SIM à minha mãe, mesmo querendo dizer NÃO. Eu tinha abandonado Dioniso. Abandonado Ítalo e Alberto. Imaginem como um sonho se desfaz e escorre, espesso pelo ralo do banheiro de uma loja de tecidos. Eu vi, literalmente, o meu sonho escorrendo como uma gosma de filme B de terror.

AMOSTRA